



PROCESSOS INTERACIONAIS – DA ESCRITA À ESCRITA CRIATIVA

Ms. Patricia Correa Junqueira¹

RESUMO

As novas tecnologias causam um importante impacto quando o assunto é a educação em sala de aula. Tanto os que defendem este uso quanto os que o repelem, têm argumentos que acreditam embasar as suas opiniões. Entretanto, procurei embasar minha pesquisa na(s) necessidade(s) dos educandos enquanto seres sociais, enquanto indivíduos que precisam e devem participar dos quesitos que serão alicerces da construção de um conhecimento coletivo e também individual. A criatividade tem papel preponderante neste processo. O ato de criar é o que move o indivíduo quando o assunto é descobrir, conhecer, aprender, pesquisar, explorar e tantos outros motivadores de percursos e busca do “algo a mais” no quesito conhecer. A escrita talvez seja a forma mais individual e, também coletiva, de expressividade desta criatividade. Em nossa época todos produzem textos – nem que seja apenas para redes sociais – e, portanto, nunca se escreveu tanto. Por mais que escrever seja um fator positivo, assim como, o aumento de quantidade dos escritos, não podemos ignorar que as dificuldades de escrita são imensuráveis. Neste ponto, entra a importância do professor enquanto mediador da aprendizagem, enquanto motivador da criatividade, aquele que contextualiza metodologias de ensino com vivências dos alunos. A partir destes pontos norteadores essa pesquisa se desenvolveu e, obviamente, ainda não se findou, já que, para a criatividade não existe um final único ou imutável.

PALAVRAS CHAVE: Educação, Escrita criativa, Produção Textual, Novas Tecnologias.

ABSTRACT

New technologies have a major impact when it comes to classroom education. Both who advocate this use and who reject it have arguments that they believe are based on their opinions. However, I have tried to base my research on the need (s) of learners as social beings and individuals who need and should participate in the questions that will be the foundation of the construction of a collective and individual knowledge. Creativity plays a key role in this process. The act of creating is what moves the individual when it comes to discovering, knowing, learning, researching, exploring and so many other motivators of paths and seeking the "something more" in the subject to know. Writing is perhaps the most individual, and also collective, form of expressiveness of creativity.

¹ Professora da Rede Municipal de Ensino de Anápolis; Mestre em Educação, Linguagens e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás; Pós-graduada em Gestão Educacional pela Faculdade Apogeu; Graduada em História e em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás. patriciahistoriadora@hotmail.com



In our time anyone produce texts - even if it is only for social networks - and therefore, never was so written. As much as writing is a positive factor, as well as the increase in the number of writings, we can't ignore that the difficulties of writing are immeasurable. At this point, the importance of the teacher as mediator of learning enters as a motivator of creativity, the one that contextualizes teaching methodologies with students' experiences. From these guiding points this research has developed and, obviously, is not yet over, since for creativity there is no single end or immutable.

KEY WORDS: Education, Creative Writing, Textual Production, New Technologies.

INTRODUÇÃO

O exercício da escrita criativa implica habilidades que vão além do desenvolvimento da própria criatividade. A leitura, a interpretação e a escrita são essenciais para a formação das principais habilidades que a escola se propõe. Uma aprendizagem significativa requer motivações que devem ser mediadas e adaptadas pelo professor em forma de metodologias de ensino. Quando dada a devida liberdade para a sua produção, a escrita é inspirada e inspiradora, assim como as outras formas de expressão, a exemplo de áudios, vídeos, artes plásticas e visuais. Saber aproveitar dos recursos multissemióticos da linguagem em sala de aula vai muito além do simples, porém importante, propósito de se ensinar a ler e a escrever.

Não há dúvidas de que a aquisição da língua escrita é uma das principais metas da primeira fase do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) e o domínio dessa habilidade se faz necessário em todo o percurso escolar e social do indivíduo. Em uma sociedade letrada, o uso da língua escrita é preponderante nos momentos de interpretação, escrita, reescrita; enfim, em todas as situações de compreensão do que se lê e do que se escreve.

O conceito de escrita criativa com o qual trabalhamos, nesse contexto, tem o intuito de retomar a importância de uma aprendizagem que (re)signifique a vida do aluno, não restringindo o conhecimento apenas ao local que corresponde à escola. A criatividade aqui é concebida como algo comum a qualquer ser humano. Logo, ela pode e deve ser explorada com a finalidade de expandir saberes, a partir de questionamentos, pesquisas, trocas de conhecimentos, entre outros. A criatividade depende da imaginação e “toda obra da imaginação constrói-se sempre de elementos formados da realidade e presentes na experiência anterior da pessoa” (VIGOTSKI, 2009, p.21). Sendo assim, tanto os conhecimentos adquiridos pela leitura



ou qualquer outro meio, quanto a imaginação são fatores essenciais na produção de um texto criativo.

Fica perceptível que a sociedade, em todos os seus contextos, mudou significativamente seus parâmetros, embasados, sobretudo, nas transformações proporcionadas pelas novas vertentes que a tecnologia tem inserido. A escola, por sua vez, não pode ignorar a importância da abrangência dessas mudanças dentro de seu contexto.

Morin (2011) nos remete ao fato de que a educação deve ser amparada por interrogações acerca da possibilidade de conhecimentos e que esses questionamentos são o “oxigênio” de qualquer proposta de conhecimento. Nessa perspectiva, a prática da observação deve estar integrada às atividades de autoavaliação e reflexão quanto às práticas educativas, a fim de aprimorar e possibilitar um conhecimento complexo. Assinala sobre isso o autor:

Para que haja um processo de base no século XXI, os homens e as mulheres não podem mais ser brinquedos inconscientes não só de suas ideias, mas das próprias mentiras. O dever principal da educação é de armar cada um para o combate vital para a lucidez. (MORIN, 2011, p. 31).

Segundo Bonilla (2009), a democratização da escola, ou seja, a abertura de espaços para a vivência da cidadania, da participação e de alternativas ao modelo globalizante, torna evidente a necessidade da escola se tornar uma ‘escola aprendente’, em que ela (a escola), os alunos, os professores, a comunidade, devem permanecer em constante e ilimitado processo de aprendizagem e interação:

Para tanto, a escola, além de inserir as tecnologias no seu contexto, necessita aprofundar a visão que tem sobre essas, sobre o próprio papel como agente educativo articulado em rede, questionar os significados instituídos e as situações novas com que se defronta, procurando respostas e modos de ação próprios, construídos coletiva e cooperativamente. (BONILLA, 2009, p. 35).

Percebe-se, então, o quanto é importante deixar os velhos paradigmas de que a escola é a única detentora dos saberes. A escola deve abrir espaços para que possa aprender a lidar com tantas informações, propondo formas de filtrá-las, de saber aproveitá-las para a construção de conhecimentos realmente significativos. Sendo assim,

[...] na missão de promover a inteligência geral dos indivíduos, a educação do futuro deve, ao mesmo tempo, utilizar os conhecimentos já existentes, superar as antinomias



decorrentes do progresso nos conhecimentos especializados e identificar a falsa racionalidade. (MORIN, 2011, p. 37).

A escola não pode se desvincular das possibilidades de um mundo tecnológico, pois o aluno encontra nela o direcionamento para o desenvolvimento de um raciocínio que refletirá na aquisição de habilidades e competências necessárias ao processo de interação com esse mundo.

O enfoque dessa pesquisa está, sobretudo, na produção da escrita dentro do contexto escola/sala de aula/novas tecnologias. A escrita aqui é concebida de acordo com a perspectiva de que ensinar a escrever com criatividade é um dos desafios e também uma possibilidade. O pressuposto do qual partimos é que

[...] ao fortalecer a aptidão criativa, todo mundo é capaz de desenvolver a competência da escrita. Ao mesmo tempo, admitir que qualquer pessoa é um aprendiz constante na tarefa de escrever. No mínimo avivar o desejo de se expressar. (NIZO, 2008, p. 22).

Base conceitual da Escrita Criativa

As transformações sociais promovidas pelas novas tecnologias são presentes e constantes dentro da maior parte das práticas sociais da atualidade. Logo, há uma tendência para que os problemas e desafios cotidianos também se tornem cada vez mais presentes tanto na dimensão individual quanto nas interações coletivas. Dentro desse contexto, a criatividade é um importante recurso, na medida em que permite uma abertura de soluções/caminhos para esses problemas que vão surgindo na vida social do indivíduo. Isso decorre do fato de que o ato de inovar, de criar, permite que uma gama de possibilidades esteja presente nas diversas situações – das mais simples às mais complexas – dentro de um contexto social. Essa criatividade, por sua vez, não está presa a apenas uma área de atuação/conhecimento; pelo contrário, a liberdade proporcionada pela criatividade propicia também a sua atuação em qualquer que seja a esfera social observada/estudada.

Um dos principais obstáculos à criatividade está na crença de que essa é uma característica restrita a algumas pessoas. Essa inverdade só pode ser superada ao romper com esse pensamento linear e, assim,

[...] destituir a bola de cristal dos gênios e alavancar a genialidade em cada um de nós. Desmistificar o super-homem, tornando o processo criativo acessível a todos. Em vez de engessar e restringir, construir um discurso próprio, por meio do qual se



compartilha a visão de mundo e se expressa, em palavras, um testemunho. Perseguir com veemência a expressão genuína e própria, do meu, do seu, do nosso escritor adormecido. (NIZO, 2008, p. 101).

O enfoque desse trabalho se dá no âmbito da criatividade, na esfera da escrita e, sobretudo, em como delinear os pontos básicos para se identificar uma escrita que seja realmente criativa. É algo que vai além, portanto, de uma boa construção textual (respeitando-se todas as normas gramaticais, ortográficas e construções de sentido), chegando ao ápice da inovação. Criar na escrita, portanto, consiste em transpor, a partir de elementos já pré-definidos, algo que vá além do que se esperou, e fazer correlações que só se explicam por uma boa imaginação e pela liberdade de expô-la em palavras, imagens ou qualquer outro recurso disponível.

A criatividade é algo que está presente em qualquer indivíduo. Logo,

[...] somos criativos, sem exceção. Ser criativo é um ato sublime, é um dom associado à inspiração, à iluminação e ao êxtase que exige estar aberto ao novo. Para ser criativo tem que habituar-se a avançar desde a penumbra até a luz, como a aurora; tem que começar a pensar outras realidades, sentir outras emoções e atuar de forma diferente. (BÉLLON, 2012, p. 249).

Ser criativo é ir além das regras, ultrapassar o que já é conhecido e trazer algo novo. A escrita criativa também se enquadra nessas vertentes. Nizo (2008) trata o ato de escrever criativamente como algo orgânico e não mecânico, ou seja, algo que ultrapasse os limites dos conhecimentos de linguagem proporcionados pela escola no processo de aprendizagem da escrita. Enquanto forma de prática social, a escrita se torna criativa quando é, também, uma atividade sensorial e, como tal, tudo o que o autor vivencia influi direta ou indiretamente nas palavras/imagens ou qualquer outro recurso que utilize para expressar-se textualmente. Escrever “exige deter-se diante das palavras, procurando decifrá-las, deliciando-se com as histórias e com a possibilidade de narrá-las. Pressupõe, sobretudo, um encantamento pela linguagem”. (NIZO, 2008, p. 36).

Corrêa (2008) delimita alguns critérios de criatividade. São eles: originalidade, produtividade, flexibilidade, elaboração, análise, síntese, sensibilidade para os problemas, abertura mental, comunicação e capacidade inventiva. Esses critérios são apenas norteadores, quando se quer avaliar a competência criativa de um texto, embora estipular critérios, ainda



segundo Corrêa (2008), é uma atitude cerceadora da liberdade de criação. Os critérios nos auxiliam a entender, em certa proporção, o que é e como encontrar a criatividade dentro de uma produção textual. A proposta deste autor não significa que para ser criativo, um texto precisa ter todos esses elementos. Por outro lado, percebe-se que um critério pode estabelecer o outro, por exemplo, se um texto é original, provavelmente terá passado pelos processos de abertura mental, comunicação e capacidade inventiva. São processos, portanto, que estão intrínsecos no caminho da criatividade. Um texto não se é criativo porque segue estes critérios, mas sim, porque abrangem – mesmo que inconscientemente – em sua escrita, aspectos que estão em consonância com estes critérios.

Ainda pensando na criatividade enquanto propulsora de novos caminhos para a resolução de problemas percebe-se também que,

[...] na busca de soluções para os problemas enfrentados no dia-a-dia, levam inúmeras vantagens aqueles que fazem uso de suas habilidades criativas, buscando melhor solução para o problema, após considerar várias soluções. Neste sentido, é, pois, vantajoso cultivar o hábito de brincar com as ideias, levantando sempre muitas soluções antes de se escolher a melhor. (ALENCAR, 2009, p.17).

Então, ao analisarmos os critérios expostos por Corrêa (2008) e as aplicações da criatividade propostas por Alencar (2009), podemos apreender que a escrita criativa está diretamente relacionada à capacidade de transformar, de forma inovadora, elementos textuais, a fim de promover novas formas de se perceber o tema sobre o qual se está discorrendo.

O “brincar com as ideias” consiste em, a partir de um determinado tema/problema, levantar hipóteses, questionar, elencar fatores determinantes, enfim, procurar formas inovadoras de expressão, no caso da construção textual. Ser um escritor criativo, portanto, é não temer o erro. Colocar as ideias no papel, ou expô-las por qualquer meio midiático, deve ser considerado como um ato prazeroso, não só pelo fato do domínio da habilidade escrita, mas pela oportunidade que se tem de inovar, de remeter a novas reflexões, dar originalidade a temas propostos.

Escrever deve ser uma prática diária na vida de quem quer escrever com criatividade. “Escrever por prazer, por teimosia. Acima de tudo, escrever sempre!” (NIZO, 2008, p. 37).



Quanto maior a dedicação à escrita maior será o grau de despreendimento dos medos que cerceiam a criatividade.

Ao longo deste capítulo, usaremos por vezes a expressão “escritor criativo”. Frisamos que o termo escritor aqui está relacionado a qualquer um que pratique qualquer atividade escrita no seu dia-a-dia, não sendo direcionada exclusivamente a quem se dedica a essa profissão.

Os gêneros textuais na escrita criativa

A prática social ganha, na sala de aula, um espaço singular para a sua compreensão e a sua diversidade, quando se coloca o texto como objeto de ensino e reflexão. Trata-se de tomar, por um lado, a maior abrangência do fenômeno original da língua – o texto, e, por outro, as “indeterminações de um objeto que, apesar de regular, se manifesta como heterogêneo, flexível e multifuncional”. (ANTUNES, 2009, p. 51). A língua ao ser flexível não reverencia as regras gramaticais como únicas delimitadoras da produção (ou não) de sentido em um texto escrito.

A proposta de se estudar os desdobramentos da língua a partir de textos tem ganhado força não apenas nas discussões e pesquisas acadêmicas. Os documentos oficiais relativos à educação também têm seguido essa direção. Exemplo disso são os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que têm uma perspectiva abrangente com relação ao uso da língua tanto em textos orais, quanto em textos escritos. De acordo com Antunes (2009), os PCN colocaram em cena uma mudança de perspectiva que passou a exigir dos professores uma reelaboração da concepção de língua, de gramática, de texto, de frase e, assim, uma redefinição do objeto mesmo de ensino.

Nesse sentido, o desafio é trabalhar com os textos em todas as suas abrangências e perspectivas de construção. É preciso considerar as relações sociais potencializadas nos textos, as esferas em que foram construídos, públicos a quem foram originalmente dirigidos, enfim, todo o emaranhado no qual os textos são tecidos. Não se trata, portanto, de continuar a estudar palavras e/ou frases isoladas, mas sim, o contexto do todo que compreende o texto:

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais de 1998 (PCN), cabe à cada escola promover a ampliação dos níveis de conhecimento prévio do aluno de forma que, progressivamente, durante os nove anos do Ensino Fundamental, ele se torne capaz

v. 8 n. 1 (2019): REVISTA ANÁPOLIS DIGITAL - ISSN 2178-0722

de interpretar diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações. Para tanto, é imprescindível não desvincular a linguagem da situação concreta de sua produção, ou seja, do contexto da interação verbal dos interlocutores. E mais, não se devem desvincular os saberes, portanto é indispensável utilizar textos de outras disciplinas e das situações da atualidade, a fim de tornar as produções textuais mais verdadeiras e comprometidas com o exercício da cidadania. (SILVA e SILVA, 2013. p. 85-86).

A partir daí, o conceito de gêneros textuais ganha relevância. Além das características próprias de cada gênero – no que tange à sua forma estrutural – também se deve dar valor às suas funcionalidades sociais. Tanto textos orais quanto escritos abarcam conhecimentos e esses conhecimentos fazem parte de uma herança cultural que pode e deve ser abrangida no contexto escolar.

Marcuschi (2010), por sua vez, defende que os gêneros textuais são entidades socioeducativas e formas de ação social. Partindo desse princípio, considera-se que os gêneros são produtos das relações sociais, ou melhor, surgem à medida que as interações sociais vão ficando mais complexas, assim como os ambientes sociais. Outro princípio que adotamos é o de que os gêneros textuais não são coercitivos. Eles têm flexibilidade e, portanto, são compatíveis com a criatividade existente em cada um. A esse respeito, assinala o autor:

Isso é revelador do fato de que os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Caracterizam muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais. São de difícil definição formal, devendo ser contemplados em seus usos e condicionamentos sociopragmáticos caracterizados como práticas sociodiscursivas. Quase inúmeros em diversidades de formas, obtêm denominações nem sempre unívocas e, assim como surgem, podem desaparecer. (MARCUSCHI, 2010, p. 20).

Os gêneros que surgem e podem desaparecer, apontados pelo autor, são, sobretudo, os gêneros que existem em razão das necessidades promovidas pelas novas tecnologias. É importante salientar que o autor não trata desses “novos gêneros” como algo inteiramente inédito. Pelo contrário, Marcuschi (2010) afirma que suas bases estão em outros gêneros já existentes.

Esses novos gêneros possibilitam ainda, uma maior semiose entre os aspectos da língua oral e aspectos da língua escrita. Por isso, a oralidade hoje está tão presente na escrita. Esse fator não pode ser desvinculado de qualquer estudo hoje que se proponha a investigar a escrita.



Antunes (2009) elenca as seguintes vantagens de se trabalhar com o conceito de gêneros textuais na escola: a) acabar com o monopólio do estudo da gramática isolada, partindo de recortes textuais ou palavras isoladas; b) atividades de escrita com estatuto de peça definido, substituindo o “escreva sobre” por atividades de caráter textual definido, por exemplo, “escreva uma carta” ou “façam um convite” etc.; c) possibilitar o reconhecimento do texto em sua funcionalidade dentro de um gênero; d) estudar e apreender a gramática em seu campo de ação, ou seja, em sua funcionalidade real dentro de um contexto textual; e) valorizar a interpretação para além da compreensão do que foi escrito, ler nas entrelinhas as intenções do autor; f) apreender que o texto é construído a partir de regras gerais, mas também, é uma prática de linguagem dentro de uma situação social; f) demonstrar a ampla possibilidade de interação verbal tanto pela escrita quanto pela oralidade; g) reduzir e até superar as dificuldades de produção textual e; h) aprender o funcionamento da língua como parte das relações histórico-sociais e sua heterogeneidade.

A partir dos gêneros textuais, orais ou escritos, a comunicação e as práticas sociais são possibilitadas. “É impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero...” (MARCUSCHI, 2010, p.22). A ideia de que a língua é uma forma de ação social acarreta outras funcionalidades a ela como o fato de ser uma atividade social, histórica e cognitiva. Partimos, portanto, de uma abordagem sociointerativa da língua, uma vez que “os gêneros não são entidades naturais como as borboletas, as pedras, os rios e as estrelas, mas são artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano.” (MARCUSCHI, 2010, p.33).

O conhecimento dos gêneros textuais e das formas que eles atuam – com características próprias a cada um – é de fundamental importância para o desenvolvimento de um texto criativo. Afinal, “é improvável alguém ser inventivo em uma área que desconheça”. (NIZO, 2008, p. 32). A criatividade, assim, consiste em ultrapassar as expectativas almeçadas:

Ser criativo supõe transgredir o conhecido, ultrapassar os limites, romper as regras e lutar contra a rotina, a apatia e o aborrecimento. É um ato de rebeldia que consiste em buscar signos visíveis em espaços invisíveis e em buscar palavras e ideias onde parece que elas não existem. Ser criativo é como uma dança de transformação, onde algo que estava no reino da imaginação passa para a vida real. (BÉLLON, 2012, p.249).



O conhecimento do que são e de como utilizar os gêneros textuais, portanto, é uma porta que se abre para que a liberdade de criação textual possa ser exercitada. A imaginação, o sonho, o impossível se tornando possível, são algumas das bases que fomentam o espírito criativo. Exemplo disso, que será melhor explanado posteriormente, é a capacidade de se expressar para além das palavras, com outros recursos, como desenhos, imagens, sons etc.

Nesse momento é interessante trazer o conceito de intertextualidade intergêneros que, segundo Marcuschi (2010), se caracteriza pela capacidade de relacionar dois ou mais tipos de gêneros textuais em um só texto. “É essa possibilidade de operação e maleabilidade que dá aos gêneros enorme capacidade de adaptação e ausência de rigidez”. (MARCUSCHI, 2010, p.34). Esse campo de possibilidades é enriquecedor para a produção da escrita criativa à medida que, demonstra que as bases de construção textual não são rígidas e que a criatividade pode ser explorada na produção escrita. “Este aspecto vai ser central na designação de muitos gêneros definidos basicamente por seus propósitos (funções, intenções, interesses) e não por suas formas.” (MARCUSCHI, 2010, p.35).

Construir um gênero textual com a forma de outro é um fenômeno que passou a chamar a atenção dos estudiosos do texto na esteira das pesquisas recentemente realizadas sobre gêneros textuais. Na verdade, é um fenômeno muito comum na produção textual realizada, em especial, no domínio da publicidade, em que há espaço privilegiado para a expressão da criatividade do produtor. Esse hibridismo costuma causar um efeito muito maior se comparado ao que causaria o convencionalismo aceito ou esperado em igual situação, por conter traço da inventividade, da criatividade, do ineditismo. (KOCH e ELIAS, 2014, p.120).

É exatamente esse hibridismo que acreditamos ser essencial quando se quer formar alunos que se expressem pela escrita de forma criativa. Essa liberdade, comum no ramo da publicidade, pode ser também uma motivadora dentro das salas de aula. Produzir conhecimento pela escrita pode ser, como salienta Nizo (2008), prazeroso e desprovido dos medos de insucesso.

Antunes (2009), propõe que a escrita é uma atividade e uma forma de interação. Consequentemente, toda a vivência de experimentação do autor vai influir direta ou indiretamente em sua produção textual. A autora salienta ainda, a necessidade de a escola considerar que a escrita é uma atividade processual e não pontual. O processo de formação, a



partir de todas as esferas sociais das quais o aluno participa é o propulsor do tipo de escritor que ele se torna. Retomando Nizo (2008), escrever não é uma prática meramente mecânica, mas, sobretudo, orgânica.

Sendo assim, percebe-se que os documentos que regulamentam a educação brasileira enriqueceram o estudo da língua a partir da proposta do ensino contextualizado, da funcionalidade e importância de se estudar textos e gêneros textuais. Esse foi, sem dúvida, um importante rompimento com o ensino de uma língua descontextualizada amparada apenas nas normas gramaticais. Partindo desse princípio, a parte empírica desse trabalho se propõe também a elucidar como está ocorrendo esse ensino no objeto de estudo selecionado, ou seja, na escola e ano/escolar observados.

A produção/criação do texto escrito

Segundo Nizo (2008), a escrita, quando presente na vida de uma pessoa, é como se fosse uma parte do próprio indivíduo, ou seja, ela se torna tão necessária quanto qualquer outra atividade cotidiana que não possa deixar de ser realizada. As produções escritas variam, incluindo desde bilhetes informais, listas de compras até os textos mais elaborados, com exigências estéticas e de formatação. Nesse item, trataremos dos processos que dão corpo e sentido ao texto, ou melhor, à construção de um texto, posto que

[...] o texto (o produto) não nasce sem o processo. A perspectiva sobre ensino-aprendizagem da escrita deslocou-se do produto para o que acontece nesse processo. Nele, o sujeito é chamado a tomar decisões, não se limita a montar as peças, segundo um algoritmo pré-definido. As decisões que toma não são lineares e podem incidir sobre aspectos diversificados na hierarquia textual, desde o desenho (ou tipo) das letras, a ortografia, a construção frásica, até a organização em grandes unidades (capítulos ou partes por exemplo). (BARBEIRO, 2000, p. 66-67).

O texto escrito, portanto, depende, além dos conhecimentos básicos da linguagem escrita, de escolhas quanto ao como se vai escrever. A comunicação pela escrita requer saberes próprios da linguagem e suas funções. Ao focar na habilidade de comunicação, depara-se também com a questão do leitor. Afinal, o que é escrito vai ser lido por alguém e, portanto, o



sentido contido no texto deve ser bem explicitado pelas palavras e a sua organização no corpo do texto. Alguns pontos são fundamentais para a produção textual dentro dos parâmetros escolares:

- Ativação de conhecimentos sobre os componentes da situação comunicativa (interlocutores, tópico a ser desenvolvido e configuração textual adequada à configuração em foco);
- Seleção, organização e desenvolvimento das ideias, de modo a garantir a continuidade do tema e sua progressão;
- ‘balanceamento’ entre informações explícitas e implícitas, entre informações novas e dadas, levando em conta o compartilhamento de informações com o leitor e o objetivo da escrita;
- Revisão da escrita ao longo de todo o processo, guiada pelo objetivo da produção e pela interação que o escritor pretende estabelecer com o leitor. (KOCH e ELIAS, 2014, p. 34).

Sendo assim, percebemos que a escrita além de ser pessoal também é coletiva, a partir da perspectiva de que tudo o que é escrito está sob o julgo da leitura. É um processo de interação e, assim, não pode ser considerado jamais como um ato individual. Quando se escreve, por exemplo, um artigo de opinião, serão colocados neles aspectos e crenças pessoais do autor – até mesmo as citações utilizadas são escolhidas a fim de embasar a ideia que o autor quer expressar – e isso, acarreta em opiniões diversificadas (sejam elas favoráveis ou não) quando se analisa a recepção dentro do grupo de leitores.

Escrever, produzir um texto, remete a uma série de conhecimentos que vão além da gramática. Para se escrever sobre algo é necessário ter conhecimentos sobre o que está sendo escrito. Esse conhecimento é adquirido por leituras, por convivências, interações sociais e nesse processo,

[...] a memória deixa de ser vista como um auxiliar do conhecimento, passando a ser considerada parte integrante dele, ou mesmo como a forma de todo o conhecimento: o conhecimento nada mais é que estruturas estabilizadas na memória de longo prazo, que são utilizadas para o reconhecimento, a compreensão de situações – e de textos –, a ação e a interação social. (KOCH, 2002, p. 40).

Voltando a questão da gramática, da ortografia e do léxico, essas são também habilidades ativadas pela memória. Tudo o que se aprende está de alguma forma memorizado e é visualizado em situações práticas da vida cotidiana. O ato de escrever é uma prática cotidiana dentre os letrados. Quanto à produção de sentido dentro de um texto, deve-se lembrar que



[...] conhecer como as palavras devem ser grafadas corretamente segundo convenção da escrita é um aspecto importante para a produção textual e a obtenção do objetivo almejado. Sob uma perspectiva interacional, obedecer às normas ortográficas é um recurso que contribui para a construção de uma imagem positiva daquele que escreve, porque, dentre outros motivos, demonstra: i) atitude colaborativa do escritor no sentido de evitar problemas no plano da comunicação; ii) atenção e consideração dispensadas ao leitor. (KOCH e ELIAS, 2014, p. 37).

Expressar conhecimentos que adquirimos ao longo de nossas experiências interacionais é, portanto, marcado por todo um processo de aprendizagem e da formação de competências que permitem a realização dessa expressão pela escrita. Afinal, como a própria Nizo (2008) escreve, o conhecimento em todas as suas esferas no que se refere à escrita permite ao escritor a habilidade de “brincar” com as palavras, ser criativo; e essa criatividade, por sua vez, só é possível a partir do aprender e do colocar em prática o exercício da escrita.

Outros aspectos da construção textual que devem ser levados em conta são a sua intencionalidade e a aceitabilidade. Segundo Antunes (2009), a intencionalidade está correlacionada ao querer dizer apenas coisas que façam sentido – coesão e coerência – e, assim, sejam passíveis de interpretação. A aceitabilidade, por sua vez, remete à predisposição que o leitor tem no intuito de aprender, compreender o que foi dito pelo outro. Ambos os fatores são essenciais para a escrita de um texto:

Nos desdobramentos desse princípio, ganha relevo a noção de que existem propriedades que regulam o exercício da textualidade e especificam os modos de sua relevância linguística e social. Ou seja, um texto não se faz de qualquer jeito; mas é regulado por um conjunto de propriedades, as quais constituem uma rede de relações, ou seja, assumem um caráter inteiramente relacional, de modo que a aplicação de qualquer uma delas revela-se dependente da aplicação das outras do conjunto. (ANTUNES, 2009, p. 77).

Assim pode-se considerar, segundo a perspectiva de Bajard (2014), a produção textual sob a luz de seis planos: plano da comunicação (interação entre escritor e leitor); plano da matéria textual (organização do texto); plano das linguagens (língua escrita e, por vezes, imagens, gestos, espaços que auxiliam na compreensão do que está sendo dito); plano do funcionamento do texto (enunciação); plano estético e; plano da implicação pessoal (como o leitor receberá o que está sendo lido e até que ponto o escritor se colocou no texto).



Um bom texto – produzido segundo todas as regras da língua e respeitando as estruturas básicas que compõem sua textualidade – por outro lado, não significa necessariamente que ele é criativo. Como já fora esboçado, a criatividade aqui está interligada ao inovador, à originalidade, a ir além do que se espera. Para tal, além do ambiente que motive e dê a liberdade para a criação, alguns instrumentos também são importantes. Uma produção textual criativa pode muito bem realizar-se a partir do aparato instrumental composto pelo papel e pelo lápis/caneta. Mas, como será discutido posteriormente, os aparatos fornecidos pelas novas tecnologias ampliam as possibilidades para a produção escrita, além de ser um motivador a mais para a explanação da criatividade.

O processo de criatividade e a construção estética/criativa do texto

A necessidade da escrita apresenta-se em diversos contextos e por isso sua aquisição e sua prática é tão relevante nas sociedades letradas. Quanto às funcionalidades da escrita, pode-se citar:

(1) situações de interação mediadas pela escrita em que se busca causar algum efeito sobre interlocutores em diferentes esferas de participação social (circulação de informações cotidianas, como, por exemplo, através de escrita e leitura de textos jornalísticos; comunicação direta entre pessoas e/ou empresas, através dos textos epistolares; circulação de saberes gerados em diferentes áreas de conhecimento, através dos textos científicos; orientações e prescrições sobre como realizar atividades diversas ou como agir em determinados eventos, através dos textos instrucionais; compartilhamento de desejos, emoções, valoração da realidade vivida, expressão da subjetividade, através dos textos literários; divulgação de eventos, produtos e serviços, através dos textos publicitários; dentre outros); (2) situações voltadas para a construção e a sistematização do conhecimento, caracterizadas, sobretudo, pela leitura e produção de gêneros textuais que usamos como auxílio para organização e memorização, quando necessário, de informações, tais como as anotações, resumos, esquemas e outros gêneros que utilizamos para estudar temas diversos; (3) situações voltadas para autoavaliação e expressão “para si próprio” de sentimentos, desejos, angústias, como forma de auxílio ao crescimento pessoal e ao resgate de identidade, assim como ao próprio ato de investigar-se e resolver seus próprios dilemas, com utilização de diários pessoais, poemas, cartas íntimas (sem destinatários); (4) situações em que a escrita é utilizada para auto monitoração de suas próprias ações, para organização do dia-a-dia, para apoio mnemônico, tais como as agendas, os calendários, os cronogramas, dentre outros. (LEAL e ALBUQUERQUE, 2005, p. 65).

Essas situações de escrita, expostas pelas autoras, resumem toda a dinâmica de necessidade social da escrita, afinal sua prática é algo que está presente em quase todos os momentos da vida cotidiana em uma sociedade letrada. O domínio da escrita constitui uma demanda social presente tanto em atividades individuais como nas coletivas.

O nosso foco aqui se dá, sobretudo, na produção textual e no processo de criatividade que envolve essa atividade. A parte empírica desse estudo se realizará em uma escola e, portanto, nos concentraremos em textos produzidos no âmbito escolar, a fim de elucidar os aspectos criativos (caso existam) que estão presentes nessas produções escritas.

A escola, em sua função formadora, tem o papel de capacitar os seus alunos a produzirem textos que atendam as diversas necessidades propostas pela vivência social. Uma pessoa para ser considerada apta nessa modalidade, portanto, deve conseguir, conseqüentemente, produzir bons textos a partir do domínio da linguagem e suas funções. Antunes (2009), no que tange à elaboração textual, elenca as seguintes operações: recapitulação; remontagem; capacidade de associar conceitos, dados e informações e; adequação a algum tipo de gênero textual socialmente determinado. Desta forma, explicita a autora:

As três primeiras operações, é evidente, implicam a ativação de conhecimentos já adquiridos, providenciados remota ou proximamente, direta ou indiretamente, de modo a permitirem que, de um ponto anterior, se avance na configuração de uma instância comunicativa relevante. Ou para fazer desse ponto suporte, apenas, de novas abordagens, ou para fazê-lo avançar, ou para confirma-lo, ou refutá-lo. De tal forma que cada novo texto traz reutilizado, recapitulado ou, melhor dizendo, reenquadrado outro ou outros textos precedentes. Essa reutilização é relevante ainda pelo fato de possibilitar que, a partir dos textos retomados, o falante ou escritor se posicionem e elaborem seus próprios argumentos. (ANTUNES, 2009, p.166).

Já a última operação vai depender de saberes referentes aos esquemas superestruturais ligados à organização de textos que, por sua vez, estão associados ao contexto em que o escritor está inserido. A familiarização com os gêneros permitirão a ocorrência dessa última operação e, a partir dessa familiarização, o escritor depreenderá “um conjunto de características comuns, em termos de estruturação, seleção lexical, uso de tempos verbais (de tempo, lugar, modo, etc.) e outros elementos dêiticos”. (KOCH e ELIAS, 2014, p. 62).



Um bom texto, portanto, comporta todas essas características expostas acima: coerência, coesão, conhecimentos das funcionalidades da língua e dos gêneros textuais etc. Corrêa (2008) delimita alguns critérios de criatividade que podem compor um bom texto. São eles: originalidade, produtividade, flexibilidade, elaboração, análise, síntese, sensibilidade para os problemas, abertura mental, comunicação e capacidade inventiva. Esses critérios são apenas norteadores, quando se quer avaliar a competência criativa de um texto, posto que estipular critérios, ainda segundo Corrêa (2008), é uma atitude cerceadora da liberdade de criação. Essa configuração, portanto, é um auxílio em termos didáticos.

A criatividade, desta forma, atribui valores relacionados à inovação e é esse ato – o de inovar – que diferencia algo considerado bom dentro dos parâmetros esperados, de algo considerado novo e criativo, que vai além das expectativas. A criatividade aqui tratada, no campo da escrita, refere-se ao “deixar-se levar pelo campo inexplorado do que, na aparência, afigura-se absurdo” (NIZO, 2008, p.80). Esse “absurdo”, em muitos casos, é o que abre caminho para a originalidade. A flexibilidade e a abertura à experiência são traços fundamentais nesse processo, pois

[...] facilitam ao indivíduo reformular julgamentos ou ideias previamente formados sobre algo. Estes são diretamente ligados ao interesse de experimentar e tentar novos métodos, novas soluções e respostas para os problemas e questões existentes e têm sido sistematicamente encontrados em inúmeros estudos biográficos, com amostras de profissionais que se destacam pela qualidade de sua produção. (ALENCAR, 2009, p. 39).

A curiosidade, a autoconfiança, a persistência e a iniciativa são características preponderantes para despertar um escritor criativo. Ir além do que já é conhecido, fazer associações originais, usar mais de um gênero textual em uma mesma produção são alguns dos caminhos que leva à produção de um texto criativo.

Uso das novas tecnologias, escrita criativa e aprendizagem

As novas tecnologias contribuem para os diversos aspectos da vida social e pessoal. Contudo, em âmbito escolar, tem havido várias discussões quanto ao seu uso no processo de

v. 8 n. 1 (2019): REVISTA ANÁPOLIS DIGITAL - ISSN 2178-0722



ensino e aprendizagem. Jovens, adolescentes e crianças estão cada vez mais vislumbrados e curiosos quanto a este novo cenário tecnológico que muda e cresce a cada instante, contrapondo-se ao cenário escolar de grande parte das escolas que ainda não aderiu a este novo processo. Como resultado, instala-se o embate entre aluno-professor-escola e questionamentos quanto às prováveis soluções para esse fato permeiam tanto entre educadores, quanto entre os teóricos da educação. MASETTO (2012) chama a atenção para quatro elementos no que se refere ao processo de aprendizagem e tecnologia (o conceito de aprender, o papel do aluno, o papel do professor e o uso da tecnologia), organizados como veremos a seguir:

O conceito de ensinar está mais diretamente ligado a um sujeito (que é o professor) que, por suas ações, transmite conhecimentos e experiências a um aluno que tem por obrigação receber, absorver e reproduzir as informações recebidas. O conceito de aprender está ligado mais diretamente a um sujeito (que é o aprendiz) que, por suas ações, envolvendo ele próprio, os outros colegas e o professor, busca e adquire informações, dá significado ao conhecimento, produz reflexões e conhecimentos próprios, pesquisa, dialoga, debate, desenvolve competências pessoais e profissionais, atitudes éticas, políticas, muda comportamentos, transfere aprendizagens, integra conceitos teóricos com realidades práticas, relaciona e contextualiza experiências, dá sentido às diferentes práticas da vida cotidiana, desenvolve sua criticidade, a capacidade de considerar e olhar para os fatos e fenômenos sob diversos ângulos, compara posições e teorias, resolve problemas. [...] E o professor [...] Tem a oportunidade de realizar seu verdadeiro papel: o de mediador entre o aluno e sua aprendizagem, o facilitador, o incentivador e motivador dessa aprendizagem. (MASETTO, 2012, p. 39-40).

Desenvolver competências e habilidades é, então, composto pelas principais metas de uma educação que vislumbre a qualidade. Uma aprendizagem significativa requer aulas preparadas e motivadoras e isso decorre, como consequência, da preocupação com as reais necessidades e expectativas do público discente. Não devemos considerar as novas tecnologias como “redentoras” da educação, mas, são sim, meios importantes e facilitadores do processo de ensino-aprendizagem.

Neste contexto, muitas são as variantes que influem para que a educação seja considerada de qualidade como, por exemplo, recursos materiais e infraestrutura, assim como, o devido empenho à formulação das políticas educacionais.

Nosso desafio maior é caminhar para um ensino e uma educação de qualidade, que integre todas as dimensões do ser humano. Para isso precisamos de pessoas que façam essa integração em si mesmas no que concerne aos aspectos sensorial, intelectual, emocional, ético e tecnológico, que transitem de forma fácil entre o pessoal e o social,



que expressem nas suas palavras e ações que estão evoluindo, mudando, avançando. (MORAN, 2012, p. 15).

Formar cidadãos pensantes e críticos vai além da ministração de conteúdos fragmentados, isentos da construção de sentido. Fazer com que os conteúdos tenham significado e se façam significar na vida dos alunos é um desafio que pode ser superado a partir de uma prática reflexiva do professor. Os problemas que existem quanto a promoção de uma educação pública de qualidade não devem justificar o descaso com a mesma, afinal, além do poder público, professores e todos os envolvidos no processo escolar têm suas parcelas de responsabilidade.

A função essencial da escola ainda é criar uma ponte que interligue os conteúdos formais e os conhecimentos. Entretanto, os aparatos tecnológicos não podem ser desprezados, posto que, fazem parte da vida cotidiana:

Com isso, cabe à escola trabalhar as informações, ressignificando-as à luz do contexto em que está inserida, dando abertura às múltiplas possibilidades de crítica, interpretação e compreensão, de estabelecimento de relações, de uso de diferentes linguagens, tecnologias e racionalidades que estruturam o cotidiano dos sujeitos que ali interagem. (BONILLA, 2009, p. 34).

Morin (2011, p.29) nos remete ao fato de que a educação deve ser amparada por interrogações acerca da possibilidade de conhecimentos e que esses questionamentos são o “oxigênio de qualquer proposta de conhecimento”. Nessa perspectiva, as práticas da observação devem estar integradas às atividades auto-observadoras, assim como as críticas às autocríticas, a fim de aprimorar e possibilitar um conhecimento complexo. Assinala, sobre isso, o autor:

Para que haja um processo de base no século XXI, os homens e as mulheres não podem mais ser brinquedos inconscientes não só de suas ideias, mas das próprias mentiras. O dever principal da educação é de armar cada um para o combate vital para a lucidez. (MORIN, 2011, p. 31).

Segundo Bonilla (2009) a democratização da escola, ou seja, a abertura de espaços para a vivência da cidadania, da participação e de alternativas ao modelo globalizante, torna evidente a necessidade de a mesma se tornar uma escola aprendente, em que ela, os alunos, os professores, a comunidade, devem permanecer em constante e ilimitado processo de aprendizagem:



Para tanto, a escola, além de inserir as tecnologias no seu contexto, necessita aprofundar a visão que tem sobre essas, sobre o próprio papel como agente educativo articulado em rede, questionar os significados instituídos e as situações novas com que se defronta, procurando respostas e modos de ação próprios, construídos coletiva e cooperativamente. (BONILLA, 2009, p. 35).

Percebe-se, então, o quanto é importante deixar os velhos paradigmas de que a escola é a única detentora dos saberes. A escola deve abrir espaços para que possa aprender a lidar com tantas informações, acessíveis a todos, propondo formas de filtrá-las, de saber aproveitá-las para a construção de conhecimentos realmente significativos. Sendo assim:

Na missão de promover a inteligência geral dos indivíduos, a educação do futuro deve, ao mesmo tempo, utilizar os conhecimentos existentes, superar as antinomias decorrentes do progresso nos conhecimentos especializados e identificar a falsa racionalidade. (MORIN, 2011, p. 37).

Observa-se assim que, apesar da diversidade de fontes de conhecimento, é papel da escola selecionar e mais, habilitar o aluno para que também faça essa seleção, daquilo que realmente acarretará em aprendizagem. A escola não pode se desvincular das possibilidades de um mundo tecnológico, pois o aluno encontra nela o direcionamento para o desenvolvimento de um raciocínio cognitivo que refletirá na aquisição de habilidades e competências necessárias ao processo de interação com esse mundo.

Segundo Bakhtin (1986), o meio social que envolve o indivíduo é o centro organizador de toda enunciação e expressão. Neste contexto, a sala de aula é vista como um espaço discursivo à medida que se caracteriza pela produção da linguagem verbal dos diferentes sujeitos que estão inseridos – professores, alunos etc. – e como espaço polifônico à medida que várias vozes povoam este espaço, de várias maneiras. A esse respeito, assinala o autor:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. (...) A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional). Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. (BAKHTIN, 1997, p. 280).



A prática social é o reflexo das representações que o indivíduo tem acerca de si mesmo e do mundo que o rodeia, sendo que essas construções representativas são geradas por diversos fatores, como o meio sócio cultural em que se está envolvido. Os alunos da era digital estão vivendo um momento em que a linha que faz a divisão entre o real e o virtual é tão tênue que chega a dar a ilusão de que não exista. É um mundo de possibilidades aparentemente ilimitadas, sendo que a tecnologia proporciona a sensação de que é estritamente essencial para a vida cotidiana de qualquer indivíduo:

Essas múltiplas exigências que o mundo contemporâneo apresenta à escola vão multiplicar enormemente as práticas e textos que nela devem circular e ser abordados. O letramento escolar tal como o conhecemos, voltado principalmente para as práticas de leitura e escrita de textos em gêneros escolares (anotações, resumos, resenhas, ensaios, dissertações, descrições, narrações e relatos, exercícios, instruções, questionários, dentre outros) e para alguns poucos gêneros escolarizados advindos de outros contextos (literário, jornalístico, publicitário) não será suficiente [...] Será necessário ampliar e democratizar tanto as práticas e eventos de letramentos que têm lugar na escola como o universo e a natureza dos textos que nela circulam. (ROJO, 2009, p. 108).

Dentre as maiores discussões de professores das diversas disciplinas, uma das preponderantes é a dificuldade que os alunos têm em expor o conhecimento adquirido por meio da palavra escrita. Entretanto, os alunos nunca escreveram tanto quanto nessa era digital. O interessante é que grande parte dessa escrita não é realizada na escola e, nem ao menos, tem relação direta com ela. Seja em redes sociais, em conversas virtuais ou mesmo em blogs, a escrita dos jovens está evidente e estampada em todos os lugares da rede virtual. A esse respeito, esclarece Mata:

[...] os meios informatizados são como ambientes nos quais a mente humana encontra espaço para dialogar consigo mesma, assim como para facilitar a organização e sistematização do processo de construção do conhecimento. Os computadores são, então, meios nos quais se desenvolve o pensamento crítico e reflexivo, na forma concebida por Vigotsky. (MATA, 2002, p. 08).

Os questionamentos giram, então, em torno dos porquês dessa “facilidade” em se comunicar fora da escola e da dificuldade, cada vez maior, em se produzir textos coerentes e dinâmicos em sala de aula. Uma das possibilidades de resposta a estes questionamentos é o



distanciamento entre o que o aluno quer aprender e aquilo que, efetivamente, é ensinado na escola.

Obviamente, isso não requer que a escola mude a sua missão, enquanto provedora e formadora de novos conhecimentos. O que se busca é uma nova roupagem para que essa missão seja cumprida. Leituras densas e cansativas não atraem o público discente que delas pouco, ou nada, apreendem. Assim, o trabalho com uma linguagem mais dinâmica, com imagens, relatos é uma boa alternativa para superar esse desinteresse inicial pelo conteúdo ministrado:

[...] fazer a história de objetos técnicos, imagens, textos, sons, produtos audiovisuais, obras de arte, tomando-os por dentro de certa discursividade, estabelecendo as complexas relações entre um certo tempo, as verdades que nele se procura veicular e reafirmar, a materialidade da produção dessas verdades, as lutas em jogo e os modos de sujeição e subjetivação a elas correspondentes. Essa trama é que precisa ser descrita, quando nos debruçamos, por exemplo, sobre materiais midiáticos audiovisuais, em articulação com a vida de alunos e professores em suas práticas pedagógicas cotidianas. (FISCHER, 2007, p. 03).

A escrita criativa, como uma opção de metodologia de ensino, segundo Bon (1999), não é uma solução milagrosa, mas sim reveladora das carências e das potencialidades que ainda não foram exploradas. A criatividade do aluno é, assim, desafiada à medida que, a partir da leitura de obras historicamente e socialmente consagradas, este tem a oportunidade de fazer uma releitura, colocando as suas observações pessoais, seja por meio de desenhos ou mesmo da escrita. Neste contexto:

Metodologicamente, a EC recorre à interdisciplinaridade com diversas áreas, entre as quais relevaria a Teoria da Literatura, a História da Literatura e a Linguística, apelando também a disciplinas que ajudem a posicionar o texto no contexto (História, Sociologia, etc.). Neste sentido, a EC privilegia uma abordagem inclusiva e atenta às mudanças tanto no mundo como na estética. (MANCELOS, 2007. p. 14).

O uso do computador nesse processo é muito importante, visto que este instrumento oferece possibilidades ainda maiores para demonstrar a criatividade de cada um. Os efeitos promovidos por alguns programas e mesmo a possibilidade de compartilhar o trabalho realizado através de, por exemplo, blogs, faz com que o interesse dos alunos se volte para essa atividade:

Nas classes cada vez mais numerosas em que são utilizadas, nossas técnicas de escrita fundamentadas sobre a nomeação do mundo imediato permitem aos jovens que eles



reencontrem a confiança, que se socializem e se apropriem de uma herança ou, melhor, de uma comunidade de herança. (BON, 1999, p. 282).

Assim, essa prática de forma alguma se sobrepõe aos conhecimentos adquiridos historicamente. Pelo contrário, essa herança cultural é abarcada através de um novo contexto, fazendo ligações da mesma com as necessidades de conhecimento atuais. É importante notarmos que a experiência de escrita criativa não se limita apenas ao ensino dos conteúdos concernentes à Língua Portuguesa e à Literatura. Essa metodologia pode ser considerada como multidisciplinar. Através dela trabalhamos fatos históricos, questões políticas, economia, diversidade cultural, gêneros textuais, leitura e interpretação e outras habilidades tão fundamentais a qualquer disciplina que priorize a formação de cidadãos conscientes da realidade em que estão inseridos e, principalmente, como construtores de novos conhecimentos.

A escrita criativa possibilita o desenvolvimento de habilidades de escrita e leitura a partir do reconhecimento do mundo pelo reflexo da vivência social. O uso dos aparatos tecnológicos não se restringe ao computador e seus derivados, visto que tudo o que o homem utiliza para facilitar a sua vida faz parte do processo de desenvolvimento tecnológico. Assim, o próprio uso do lápis, do papel, de objetos palpáveis, compreende o despertar da leitura e interpretação através da escrita criativa.

Neste contexto, a escrita criativa trabalha com estes pilares tão ricos à educação formal (leitura, interpretação e escrita) partindo da inserção do estímulo à criatividade, enquanto motivação das atitudes que aderem ao intuito de promover a aquisição de habilidades através do contexto social em que o educando está inserido.

Fica-nos claro, entretanto, que a escrita criativa não está restrita ao uso das novas tecnologias, posto que, ela pode ser promovida em qualquer ambiente com o uso de imagens, objetos concretos, filmes e outros. A criatividade não é proporcional à quantidade de material disponível ao planejamento das aulas, mas sim, à capacidade de envolver os alunos num clima de constante busca pelo conhecimento e aprendizagem.

REFERÊNCIAS



ALENCAR, Eunice Soriano de. **Como desenvolver o potencial criador** – um guia para a liberação da criatividade em sala de aula. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ANTUNES, Irlandé. **Língua, texto e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes. 1997.

BÉLLON, Francisco Menchén. Atrévete a ser creativo: passos para ser creativos. In: **Revista Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia e Cambio em Educación**. Vol. 10. Número 02. 2012. Disponível em: <http://www.rinace.net/reice/numeros/arts/vol10num2/art16.pdf>. Acesso em 30 mar.2015.

BONILLA, Maria Helena Silveira. Escola aprendente: comunidade em fluxo. In: FREITAS, Maria Teresa assunção (Org.). **Cibercultura e formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CORRÊA, Eva Maria. **Interacção Corpo e Aprendizagem – Contributos para um Ensino Criativo**. Dissertação de Mestrado em Criatividade Aplicada. Universidade de Santiago de Compostela/Prodep/Instituto Superior de Ciências Educativas. 2002.

FISCHER, R.M.B. Mídia, máquinas de imagens e praticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 35, p. 290-299, maio/ago, 2007.

KOCH, Ingedore Villaça; CUNHA-LIMA, Maria Luiza. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística 3: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 251-310.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2014.

MANCELOS, João de. “Um Pórtico para a Escrita Criativa”. **Pontes & Vírgulas: Revista Municipal de Cultura**. v.05, Ano 2, p. 14-15, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: MARQUES, Eugênia Vale. Introdução aos sistemas de hipertexto. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.24, n.1, p.85-111, jan./jun. 1995.

MATTA, A.E.R. Projetos de autoria hipermídia em rede: ambiente mediador para o ensino-aprendizagem de Historia. In: **REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO**. Caxambu: ANPEd, 2002. p. 95-118.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In:

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas Tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Papirus, 2012.

MORIN, Edgar. **A religião dos saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo, Cortez: 2011.



NIZO, Renata Di. **Escrita Criativa: o prazer da linguagem**. São Paulo: Summus, 2008.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SILVA, Débora. Poesia eletrônica e escrita criativa: ensino de literatura em hipermídia. In: SIQUEIRA, E.M.L. et.al (Org.). **Vivências poéticas, experiências de leitura**. Goiânia: UFG/Redepesqpoe/Vieira, p. 25-37, 2011. (Caderno Didático de Leitura de Poesia, v.2).

VIGOTSKI, Lev S. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico**. São Paulo: Ática, 2009.